

DESENVOLVIMENTO PSICOAFETIVO DAS CRIANÇAS DURANTE O ISOLAMENTO SOCIAL

JÉSSICA FRANCINY BARBOSA MOREIRA

KARINE DE SOUZA JACINTO

MARIA ALINE DE MORAIS

RESUMO

Entender as relações psicoafetivas das crianças durante o período de isolamento social, fazendo apontamentos de forma detalhada sobre as características que abrangem o desenvolvimento infantil, nas crianças de 0 a 06 anos. Inicia trazendo a conceitualização sobre o que é a pandemia da covid-19, um fator estressor para todos que vivenciaram principalmente os primeiros anos da pandemia sendo expostos a uma nova condição para a sobrevivência e como os impactos desse momento podem desencadear alterações no desenvolvimento social e psicoafetivo da criança, pode-se levar em consideração que dentro dessas mudanças muitos dos fatores de proteção e relações afetivas podem ter sido alteradas, considerando que o isolamento social obrigou a todos a manter um distanciamento físico, o que diminuiu a chance de contágio e em contra partida as relações sociais, que são uma das bases de formação do indivíduo, não ocorreu em sua totalidade, já que para um desenvolvimento mais saudável é preciso se relacionar com o outro.

Palavras-chave: Pandemia. Desenvolvimento infantil. Socialização. Psicoafetivo.

ABSTRACT

Understand the psycho-affective relationships of children during the period of social isolation, making detailed notes on the characteristics that cover child development, in children aged 0 to 06 years. It begins by conceptualizing what the covid-19 pandemic is, a stressor for everyone who mainly experienced the first years of the pandemic, being exposed to a new condition for survival and how the effects of that moment can undergo changes in social and economic development. psycho-affective nature of the child, it can be taken into account that within these changes many of the protective factors and affective relationships may have been altered, considering that social isolation forced everyone to maintain a physical distance, which received the chance of contagion and in On the other hand, social relations, which are one of the foundations of the individual's formation, did not occur in their entirety, since for a healthier development it is necessary to relate to the other.

Keywords: Pandemic. Child development. Socialization. Psychoaffective.

INTRODUÇÃO

Este artigo tem como intuito discorrer e aprofundar de forma teórica sobre os impactos prejudiciais que podem ter ocorrido no desenvolvimento psicoafetivo das crianças durante a pandemia da covid-19, que é uma doença pulmonar infecciosa, com forma de transmissão rápida, pode ser comparada a uma gripe forte, ou a uma pneumonia e que pode levar ao óbito por causar uma séria inflamação nos pulmões. Considerando a seriedade da pandemia e as mudanças de hábitos que se fez necessário adotar, busca-se as possíveis consequências diante das iniciativas governamentais adotadas para contenção do vírus, sendo uma delas o isolamento social.

Para ser possível entender como o isolamento social pode ter afetado as crianças nesse período se fez necessária a contextualização sobre a covid-19 e como as medidas de isolamento social podem ter afetado o relacionamento psicoafetivo das mesmas, foi realizado uma correlação ao desenvolvimento infantil, que para ser saudável precisa-se de se relacionar com o outro, e o isolamento social que foi um dos protocolos emergenciais adotados no período na pandemia, acredita-se que essa falta de interação por conta do isolamento, pode ter acarretado impactos negativos para o desenvolvimento psicoafetivo. Para justificar os possíveis impactos do isolamento social, buscou-se na psicologia embasamento sobre como ocorre o desenvolvimento infantil e psicoafetivo, compreendido por várias fases ou estágios, para ser visível as mudanças em cada etapa do desenvolvimento, considerando os aspectos psicológicos, cognitivos, sociais e também o crescimento e mudanças físicas, considera-se o desenvolvimento da criança desde os primeiros meses de vida. Acredita-se que o desenvolvimento infantil e suas etapas estão totalmente interligadas com as relações sociais, uma vez que a relação com outras crianças e o meio social é importante para haver troca de papéis sociais e novas culturas; elevação cognitiva; construção dos valores morais; absorção de novas habilidades e/ou novos repertórios e regras sociais.

Considerando que o desenvolvimento infantil é um processo evolutivo de aprendizado pelo qual as crianças passam a adquirir e aprimorar diversas capacidades cognitivas, motoras, emocionais e sociais, que se dá através da interação com o meio, levanta-se a hipótese de que o isolamento social no período da pandemia da covid-19 afetou diretamente o desenvolvimento psicoafetivo, uma vez que as mudanças ocorridas nesse período podem ter aumentado os fatores de risco em que a criança esteve exposta, colocando em desequilíbrio os fatores de proteção. Os fatores de riscos são quaisquer fenômenos que aumentam a probabilidade de ocorrer desordens comportamentais e/ou emocionais.

Este artigo traz também pontos importantes sobre a covid-19, o desenvolvimento infantil e psicoafetivo, bem como os fatores de risco e proteção, para fazer uma junção e correlacionar com a relação psicoafetiva das crianças no período de isolamento, a psicoafetividade observa os pilares para o desenvolvimento infantil que são: cognitivo, motor, linguagem, psicológico e afetivo. Em todas as fases de desenvolvimento da criança é notório que o relacionar com o outro de forma saudável amplia na criança o senso de segurança e proteção. A escola tem um papel fundamental para a criação das relações psicoafetivas, pois no ensino formal, que complementa o ensino informal, orientada pelos pais, a criança aprende as regras sociais, visando ampliar a sua visão de mundo, é nesse ambiente também que irá desenvolver suas primeiras relações afetivas fora do contexto familiar, aqui será realizado a troca dos repertórios já adquiridos e ampliando com a chegada dos novos saberes.

A metodologia utilizada para apresentar o tema desse artigo foram pesquisas bibliográficas com buscas em fontes primárias e secundárias de caráter qualitativo. Dado ao recente contexto pandêmico, o artigo possui perfil exploratório no qual o desenvolvimento está baseado em estudos sobre um tema específico pouco explorado, sendo assim, a pesquisa foi praticada para conseguir se aproximar ao máximo do tema principal do estudo, fazendo com que o entendimento sobre o mesmo seja de forma clara e precisa.

Contextualização da Pandemia da Covid-19

Para compreender as possíveis dificuldades em que o público infantil enfrentou para se adquirir novos repertórios, se faz necessário analisar o cenário pandêmico, juntamente com suas limitações geográficas.

No ano de 2019 no mês de dezembro a Organização Mundial de Saúde (OMS) foi comunicada sobre os primeiros casos de pneumonia na República da China, ocasionado por uma nova cepa de Coronavírus nunca encontrada em seres humanos. Em uma velocidade alarmante, o Coronavírus foi dispersado para vários países e mundialmente foi deixando cada vez mais alto os números de óbitos.

A covid-19 é uma doença pulmonar infecciosa causada pelo Coronavírus, de alto nível de transmissibilidade, os principais sintomas podem ser comparados a uma gripe forte, a pessoa infectada sente febre, tosse seca, deficiência respiratória, cefaleia (dor de cabeça), algia (dor no corpo), em alguns casos podem ocorrer diarreia, perda do paladar e olfato, em estado evolutivo o prognóstico pode ser comparado a uma pneumonia. A transmissão ocorre

de forma rápida, através do contato direto ou indireto com uma pessoa infectada e por entrar em contato com objetos utilizados pela pessoa.

A infecção causada pelo vírus pode ser agravada e agindo de forma letal em pessoas consideradas grupo de risco, que são: idosos, pessoas com deficiência no sistema de defesa, com comorbidades, como diabetes, hipertensão, câncer, asma ou outras formas de doenças crônicas.

No Brasil os primeiros casos de pessoas infectadas com o vírus surgiram no mês de março de 2020, em São Paulo e Rio de Janeiro e em menos de uma semana já foram identificados outros casos em grande parte do território nacional. A rápida velocidade de propagação da infecção e o aumento dos números de casos forçou o governo federal a tomar medidas emergenciais com o objetivo de conter a transmissão do vírus. Dessa forma, em 2019 foi vivenciado uma pandemia, que segundo Schueler (2021, *apud* ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE, [s.d]) “é a disseminação mundial de uma nova doença e o termo passa a ser usado quando uma **epidemia, surto** que afeta uma região, se espalha por diferentes continentes com **transmissão sustentada** de pessoa para pessoa”.

Após o comunicado da OMS, informando sobre do que se tratava esse novo vírus e baseando-se nas primeiras informações sobre a forma de contágio, foram intensificados os protocolos de uso de máscaras; de higienização das mãos; acrescentando o uso de álcool em gel volume 70%; de quarentena; de distanciamento social; de isolamento social e em alguns estados brasileiros o lockdown.

O isolamento social consiste no ato de manter-se fora do convívio em sociedade, a população mundial foi orientada e de certa forma forçada a ficar dentro de casa, devendo sair apenas em casos de emergência e ocorrendo a necessidade de circular em ambientes com outras pessoas manter um distanciamento de pelo menos um metro e meio, fazendo o uso de máscara respiratória e sempre que possível higienizar as mãos com água e sabão, intensificando a limpeza com o uso do álcool em gel.

Mesmo diante de todas as orientações, medidas e protocolos adotados, mundialmente o número de pessoas infectadas continuaram a aumentar, forçando a implementação do lockdown em alguns estados brasileiros, que restringiu ainda mais a circulação de pessoas em qualquer ambiente público ou privado, as pessoas de forma voluntária ou não, foram orientadas a não terem contato físico com outras pessoas que não fossem parte do relacionamento físico do dia a dia.

Toda e qualquer atividade considerada não essencial como: escolas, lojas comerciais, órgãos públicos, faculdades, ficaram temporariamente sem funcionamento e empresas

privadas adotaram medidas para o trabalho remoto, ficando em atividade apenas serviços essenciais, como: hospitais, farmácia, corpo de bombeiros, polícia e supermercados. O não contato físico entre pessoas foi a forma mais eficaz para contenção do vírus, ainda assim não foi suficiente para evitar um colapso mundial em hospitais e áreas da saúde de forma geral.

O isolamento social foi uma medida de segurança para manter a saúde física da população mundial e que foi fundamental a prática desse protocolo para a preservação da vida, diante do cenário em caráter emergencial o foco foi a proteção da vida física que estava em estado vulnerável, após o período de maior criticidade e saindo do estado de risco de vida física, e observando a nova sociedade pós pandemia é notório que a saúde mental de forma geral merece atenção, para tanto se busca entender como se desenvolveu os relacionamentos psicoafetivos como foco principal o público infantil.

Etapas do Desenvolvimento Infantil e as Bases do Relacionamento Social

O desenvolvimento infantil é compreendido por várias fases ou estágios, classificados em etapas para as idades e transformações que ocorre envolvendo os aspectos psicológicos, cognitivos, sociais e também o crescimento e mudanças físicas. Considera-se o desenvolvimento da criança desde os primeiros meses de vida, havendo caracterização de idades para melhor acompanhamento.

Com base na teoria de Vygotsky, um pensador muito importante para a área da Psicologia, sendo o precursor de que o desenvolvimento intelectual das crianças se dá através das relações sociais, será tratado as etapas da primeira infância, compreendida dos 0 aos 06 anos de idade, fase que atua diretamente na formação do indivíduo para a vida adulta. Desde os primeiros estímulos e contatos que a criança percebe dentro do ambiente familiar nos primeiros meses de vida e ao chegar à idade escolar, farão parte da construção de papéis sociais e de como esse futuro indivíduo se vê no mundo e ocupa esse espaço, suas ações, atitudes e execução do papel social, baseado em experiências que obteve durante sua vivência e a cultura representando o meio social em que está inserido.

Estímulos vividos no ciclo familiar, sejam eles do aspecto cultural ou afetivo, descrevem muito de como a criança irá se desenvolver como indivíduo em sociedade, e a forma que ela aprende e desenvolve essa convivência, ou seja, suas relações sociais podem comprometer a forma de como lidará com outras crianças e com pessoas do meio externo, interferindo diretamente no desenvolvimento psicoafetivo, na criação de novos repertórios e na sua autonomia. A criança interpreta na forma mais simples, tudo o que ela percebe do

ambiente e aos poucos interagirá no mesmo com resolução de problemas práticos como forma de sanar suas necessidades e desejos. O aprendizado da linguagem é um excelente ponto de partida para o primeiro desafio que ela enfrenta desde o nascimento.

Antes de dominar a linguagem, a criança demonstra capacidade de resolver problemas práticos, de utilizar instrumentos e meios indiretos para conseguir determinados objetivos. Ela é capaz, por exemplo, de subir na cadeira para alcançar um brinquedo ou de dar a volta num sofá para pegar a bolacha que caiu atrás dele. (OLIVEIRA, 1993, p. 46).

Entre a idade de 0 a 02 anos a criança não consegue emitir palavras e ações concretas, mas ela pode receber e emitir estímulos que são manifestações de suas vontades e necessidades. O recém-nascido, por exemplo, quando está com fome, ele chora e imediatamente a mãe o acolhe e alimenta, em outros momentos ele emitirá a mesma condição do choro para ser atendido, essa será a forma de linguagem e expressão que a criança terá nessa fase para se comunicar. Em outro exemplo, o bebê está brincando com o chocalho e esse emite barulho, nesse ato reflexo a criança irá novamente aos demais objetos que lhe forem entregues, fazer o mesmo movimento para conseguir o resultado de obter o barulho, dessa forma atendendo as suas expectativas para aquele estímulo.

Como a criança é um ser em desenvolvimento, sua brincadeira vai se estruturando com base no que é capaz de fazer em cada momento. Isto é, ela aos seis meses e aos três anos de idade tem possibilidades diferentes de expressão, comunicação e relacionamento com o ambiente sociocultural no qual se encontra inserida. Ao longo do desenvolvimento, portanto, as crianças vão construindo novas e diferentes competências, no contexto das práticas sociais, que irão lhes permitir compreender e atuar de forma mais ampla no mundo. (QUEIROZ; MACIEL; BRANCO, 2006, p. 170)

Ainda sobre as etapas e fases de desenvolvimento, compreendidas entre 03 a 05 anos, a criança já se comunica de outras formas, por meio de pequenas palavras e frases que formará, mas que aos poucos ganharão progresso no processo da linguagem. Não se pode esquecer a fase de imitação e representações lúdicas que vão acontecer quando a criança traz no ato da brincadeira aspectos que podem representar sua realidade, modo de vida social e cultural. Durante essas brincadeiras as crianças criam suas próprias regras. Exemplo: quando pega o sapato dos pais e calça fingindo sair (igual ao pai indo trabalhar) ou pega o batom da mãe para passar, (para ir passear), está assumindo uma representação social, por meio da imitação, fará o que vivencia e dá conta de pensar abstratamente, sem ter o objeto material do brinquedo. Conforme Cerisara (2002 *apud* QUEIROZ; MACIEL; BRANCO, 2006, p. 172) “na brincadeira, a criança pode dar outros sentidos aos objetos e jogos, seja a partir de sua

própria ação ou imaginação, seja na trama de relações que estabelece com os amigos com os quais produz novos sentidos e os compartilha”.

Um ponto muito importante na questão do exemplo citado anteriormente é a forma do pensar, ela não trará tudo de forma material, mas muitas das brincadeiras serão de faz de conta e ela estará trabalhando o aspecto abstrato (pensando as coisas de forma imaginária, mas que relativamente falam de coisas da vivência real) e para elas tem um significado.

Ao brincar com um tijolinho de madeira como se fosse um carrinho, por exemplo, ela se relaciona com o **significado** em questão (a ideia de “carro”) e não com o objeto concreto que tem nas mãos. O tijolinho de madeira serve como uma representação de uma realidade ausente e ajuda a criança a separar o objeto e significado. Constitui um passo importante no percurso que a levará a ser capaz de, como no pensamento adulto, desvincular-se totalmente das situações concretas [...] mas além de ser uma situação imaginária, o brinquedo é também uma atividade regida por regras. Mesmo no universo de “faz-de-contas” há regras que devem ser seguidas. (OLIVEIRA, 1993, p. 66-67)

Em consonância com Oliveira (1993, p. 66-67), Cerisara (2002 *apud* QUEIROZ; MACIEL; BRANCO, 2006, p. 173), afirma:

[...] que toda situação imaginária que envolve o brinquedo já pressupõe regra, ocultas ou não e que o contrário é verdadeiro, ou seja, todo jogo tem, explicitamente ou não, uma situação imaginária envolvida. Nesse sentido, o faz de conta é em especial significativo para o desenvolvimento infantil, por estar relacionado a imaginação.

Já na idade compreendida entre 05 a 06 anos, momento em que vão para a vida escolar, a brincadeira imaginária ou com objetos materiais se alinham a escola, um ambiente que trará novos conhecimentos para agregar aos que a criança já possui e também sofrerá a “ação” da criança que trará do ambiente familiar vivências do que já foi aprendido com os pais.

Para essa nova etapa na vida da criança, Vygotsky apresenta a Zona de Desenvolvimento Proximal, que explicará como o aprendizado afetará daqui para frente no desenvolvimento infantil, alinhado a tudo que a criança já traz em sua bagagem. A teoria descrita pelo autor consiste no nível entre o Desenvolvimento Real, que é o conhecimento que a criança já possui e domina e assim consegue realizar tarefas de forma independente e o Desenvolvimento Potencial que é o nível de tarefa ou aprendizado que a criança precisa do suporte de outra pessoa para desenvolver.

Segundo Vygotsky (1984, p. 97 *apud* ZANELLA, 1994, p. 98-99) “a Zona de Desenvolvimento Proximal define aquelas funções que ainda não amadureceram, mas que

estão em processo de maturação, funções que amadurecerão, mas que estão, presentemente, em estado embrionário”.

Sendo assim pode-se entender que à medida que a criança desenvolve, ela amadurece para certas tarefas e conhecimentos que já adquiriu podendo executar atividades mais complexas e trazer novos repertórios ao seu aprendizado que farão parte de seu desenvolvimento.

As crianças recebem estímulos, novos conhecimentos e desenvolvem o aprendizado, o ambiente escolar é um forte representante nesse período. Será um momento para aquisição do saber de forma educacional formal e científica, um novo espaço de integração ao conhecimento anterior, novas relações sociais, com convivências em grupo e compartilhamento de experiências e culturas, inclusão da criança a escola sendo apresentadas as regras para convívio em sociedade, sendo assim a escola possui um papel formador do indivíduo.

Diante das teorias abordadas acima, acredita-se que o desenvolvimento infantil e suas etapas estão totalmente interligadas as relações sociais, uma vez que a relação com outras crianças e o meio social é importante para haver troca de papéis sociais e novas culturas; elevação cognitiva; construção dos valores morais; absorção de novas habilidades e/ou novos repertórios e regras sociais. Todos estes fatores e etapas apresentados desde os estímulos mais simples, criados pelos pais nos primeiros meses da criança, quando a mãe retira o bebê do berço ao primeiro choro ou até mesmo a ida para a escola onde terá aquisição de novos repertórios, representam e são fundamentais para o desenvolvimento saudável da criança. Considerando que desenvolvimento saudável de uma criança é receber em cada uma das fases do desenvolvimento o necessário para manter seus direitos preservados por meio de acesso a presença e afeto dos cuidadores, a alimentação, a saúde, a educação, sendo esses os fatores que garantem sua proteção física e psicoafetiva.

O desenvolvimento infantil tem como premissa as relações sociais, para a aquisição da linguagem, parte cognitiva e motora, é através dos novos repertórios que se dá a construção do desenvolvimento. “A formação do conceito é seguida pela sua transferência para outros objetos; o indivíduo observado é induzido a utilizar os novos termos para falar dos objetos diferentes dos blocos experimentais e a definir seu significado de forma generalizada”. (VYGOTSKI, 1979, p. 81 *apud* GIFFONI, 1999, p. 128).

O isolamento social limitou de forma considerável a criação de novos repertórios, isolar-se de pessoas, que é não manter o contato físico, retirou parte de um convívio interpessoal, que é fundamental para a aquisição de novos aprendizados. As crianças passam a entender que existem outros modos de vida e pontos de vista diferentes, ao mesmo tempo

podem construir sua autonomia e senso de reciprocidade, autocuidado e interdependência com o meio. Assim, o ideal é criar oportunidades para que os pequenos entrem em contato com outros grupos sociais e culturais, tendo experiências que garantam a percepção de si e dos outros para que possam valorizar a própria identidade, reconhecendo as diferenças que os representam como seres humanos.

A pandemia trouxe uma queda das possibilidades para se adquirir novos conhecimentos, foi considerável a perda de grande parte do conjunto de fatores que favorecem o ajuntamento do saber. Em uma rotina sem o isolamento social é possível desenhar uma multiplicidade de atividades na rotina da criança que favorecem o acúmulo de aprendizagem.

É notório que a saudade de pessoas próximas, a aflição, a incerteza, o medo, a perda de entes queridos, impactaram de forma negativa a criação de novos repertórios, pois de forma direta ou indiretamente são sentimentos que favorecem um ambiente estressor que são considerados fatores de risco para o desenvolvimento.

Quando se observa os impactos no desenvolvimento infantil, acometidos dentro do período da pandemia, fala-se em alguns aspectos que se apresentam nas crianças na fase citada e mencionada aqui. Um dos aspectos mais observados está na forma de interação e desenvolver da criança na idade compreendida entre 0 a 06 anos, como as suas vivências e experiências individuais e em grupo, ajudarão na inserção de novos repertórios e desenvolvimento de novas habilidades. Considerando o que já foi citado anteriormente, que a criança a cada etapa ao se desenvolver, relaciona com as pessoas do ambiente e como este pode lhe trazer estímulos que serão vivenciados, a criança vai interagir cada vez mais, tendo capacidade de absorver novos conhecimentos. No momento entre o final de 2019 e ano de 2020, há uma mudança inesperada na vida de todos que se estendeu até o fim da pandemia, trazendo incertezas e inseguranças, alterando a forma de lidar e perceber as tarefas e a vida cotidiana.

Como forma de proteção a vida e a saúde, necessitou aplicar novas regras de convivência que por determinado momento trouxe isolamento das pessoas em suas próprias casas e o distanciamento entre outras metodologias para conter o vírus da covid-19. Essas práticas trouxeram consequências avaliadas em duas perspectivas, em primeiro lugar evitar: a contaminação de milhares de pessoas, os acúmulos de infectados nos hospitais e a escassez de recursos para o tratamento, contribuindo assim de forma positiva. E em segundo lugar a reclusão social que pode ter impactado de forma negativa no desenvolvimento infantil.

As crianças de 02 a 06 anos de idade, estão na fase de maior interação com o meio externo, onde estão saindo para ingressar nas creches e escolas, um contato e interação com ambiente externo, além do ciclo familiar. A criança entre os dois anos de idade inicia a interação da linguagem associada ao modo de pensar, dessa forma a convivência com pessoas e grupos diferentes pode trazer maior abrangência cultural e percepção de novas relações sociais, desenvolvendo na criança inicialmente a linguagem verbal. Conforme estudado “a interação com membros mais maduros da cultura, que já dispõe de uma linguagem estruturada, e que vai provocar o salto qualitativo para o pensamento verbal” (OLIVEIRA, 1993, p. 47).

Em outro momento ainda sobre o aprendizado e a forma de relacionar da criança em seu desenvolver, conforme Oliveira (1993, p. 56) “Existe um percurso de desenvolvimento, em parte definido pelo processo de maturação do organismo individual, pertencente à espécie humana, mas o aprendizado que possibilita o despertar de processos internos de desenvolvimento que, não fosse o contato do indivíduo com certo ambiente cultural, não ocorreriam”.

Sendo assim a escola como meio externo (fora do ângulo familiar) é muito importante para o desenvolvimento infantil, ela dispõe de formas didáticas e pedagógicas para trabalhar junto à criança aspectos de seu conhecimento no aprendizado e a variação de estímulos que trarão novos repertórios para agregar novos saberes, vinculados a experiência de estar inserido em novos grupos sociais. No período de isolamento, pode observar a escassez dessa interação social entre as crianças com seus pares e até mesmo com outros adultos que poderiam propiciar essa troca de saber e trazer a interação social. A escola como já citado anteriormente, entra com papel de atuação muito importante, sendo um fator agregador e transformador na fase infantil, um espaço para busca e inserção do saber científico, mas que também oferece outros recursos para o desenvolvimento saudável da criança. Além de ser um educador, a escola também acaba por tomar como responsabilidade funções básicas como a nutrição, viabilizando para as crianças condições de alimentação saudável, que muitas vezes, pode haver dificuldade em situações mais vulneráveis. Há também a integração social e aprendizagem da cultura, que possibilita interação da criança com vários grupos e formação de relações sociais. As crianças em certo intervalo da ocorrência da pandemia tiveram um acesso digital, tecnológico as atividades escolares, contudo, ainda assim não se equipara a experiência do ambiente escolar presencial, até porque em meios a tantos desafios de um novo momento não se pode garantir que todas as crianças tiveram os mesmos recursos para as aulas on-line que traziam também suas limitações tecnológicas. A ausência no ambiente escolar

presencial, no período pandêmico, impacta de forma negativa em várias esferas do desenvolvimento infantil, que depende das relações externas.

O isolamento social vem como uma das formas de defesa a manter a vida e a saúde física das pessoas, mas não consegue prever o futuro e as possibilidades de afetamento no âmbito psicoafetivo no desenvolvimento infantil após a pandemia.

Relação Psicoafetiva das Crianças

Para a construção do processo psicoafetivo é necessário a integração dos pilares do desenvolvimento humano, que são: cognitivo, motor, linguagem, psicológico e afetivo, que envolve o saber e a vivência, que para a psicologia está sob a influência comportamental do ser humano, envolve também os desejos, os interesses, os valores e as emoções. A emoção que faz parte do desenvolvimento humano, conforme citado acima, é através do choro, que é uma representação da emoção, que a criança adquire sua primeira relação de afeto, desde o nascimento a criança inicia seu processo de desenvolvimento se relacionando com o outro, que configura como a sua base para a criação de seu próprio repertório.

O processo que começou pela simbiose fetal tem no horizonte a individualização (...) não há nada mais social do que o processo através do qual o indivíduo se singulariza, constrói sua unidade. Quando ele superou a dependência mais imediata da interpersonalidade, prossegue alimentando-se da cultura, isto é, ainda do outro, sob a forma, agora do produto do seu trabalho (DANTAS, 1990, p. 97 *apud* GIFFONI, 1999, p. 129-130).

Observando a criança e como ocorre o seu desenvolvimento diante dos fatores sociais, é possível identificar que as relações afetivas, se dá inicialmente através dos aspectos biológico, através do choro, da fome, sendo o adulto o provedor de suas necessidades básicas e também pela sua relação afetiva, iniciando o processo relacional com o meio de forma recíproca, a criança então é capaz de responder a estímulos afetivos, devolvendo ao outro o que está recebendo.

A criança não é somente fraca, impotente, dependente. É também, em razão dessa fraqueza mesmo, exigente. Dirige ao adulto certo número de solicitações, de início, essencialmente vitais e inconscientes, depois, cada vez mais afetivas, sociais, conscientes. O adulto reage a seus apelos em função de suas próprias necessidades, de seus problemas, de seus conflitos, de sua personalidade, etc. Da mesma forma, a sociedade responde às exigências infantis em função de seus modos de produção, de sua organização, de suas estruturas (BERNARD, 1983, p. 107 *apud* GIFFONI, 1999, p. 126).

Por isso é importante a relação adulto e criança, bem como o social, aqui está um indivíduo em construção, que está sendo moldado conforme as respostas dadas às suas demandas, que inicialmente se espelham para logo em seguida criarem sua própria personalidade.

As relações psicoafetivas são construídas de acordo com o desenvolvimento da criança, inicialmente com os pais e se amplia de acordo com a rede de relacionamento da mesma, se vincula a como essa criança está sendo acompanhada e cuidada.

Em todas as fases de desenvolvimento da criança é notório que o relacionar com o outro de forma saudável amplia na criança o senso de segurança e proteção. A escola tem um papel fundamental para a criação das relações psicoafetivas, pois no ensino formal que complementa o ensino informal, orientada pelos pais, a criança aprende as regras sociais, visando ampliar a sua visão de mundo, é nesse ambiente também que irá desenvolver suas primeiras relações afetivas fora do contexto familiar, aqui será realizado a troca dos repertórios já adquiridos e ampliando com a chegada dos novos saberes.

Fatores de Risco e Proteção

Durante a infância, existem marcos do desenvolvimento que caracterizam o seu crescimento saudável que afetarão diretamente nas relações psicoafetivas da criança, uma vez que o seu desenvolvimento está interligado com todos os contextos, crescimento físico, motor, desenvolvimento cognitivo, social e afetivo. Dessa forma o meio social em que se relaciona, interfere diretamente na maneira que este sujeito irá se apresentar no futuro. Assim, pode-se dizer que quaisquer fenômenos que aumentam a probabilidade de ocorrer desordens futuras, sendo em seu âmbito comportamental e/ou emocional, são considerados fatores de riscos e em contrapartida os fatores de proteção, são todos aqueles que preservam e estimulam as experiências que são benéficas ao desenvolvimento. Portanto, será ressaltado os pontos em destaque que puderam ter prejudicado o desenvolvimento saudável das crianças no contexto do isolamento social e quais elementos foram protetivos as mesmas.

Com a declaração da Organização Mundial da Saúde (OMS), descrevendo o momento vivido como uma pandemia, rapidamente os protocolos emergenciais de contenção do vírus foram instaurados e para analisar de forma mais apropriada, o desenvolvimento da psicoafetividade durante esse momento, será necessário realizar um recorte, em que o isolamento social estará em foco nas análises psicoafetivas.

Os locais de encontros sociais, foram temporariamente fechados, seguindo o protocolo emergencial do governo, inclusive o contexto educacional, portanto, por um longo período de tempo, as crianças precisaram ficar reclusas em suas residências, onde as oportunidades de interação social foram reduzidas ao meio familiar e com as demais pessoas limitadas pelo uso de telas. Sabe-se que as escolas além de serem fontes de conhecimento científico, são de fato também um meio social psicoafetivo que abrangem diversas culturas e subjetividades, assim, por conviver com a diversidade é que segundo Siqueira e Freire afirmam (2019, p. 26 *apud* ALMEIDA; JÚNIOR, 2021, p. 2) “que as crianças adquirem habilidades como uma boa comunicação, cooperação, engajamento em atividades, cortesia, relações harmoniosas com seus parentes, amigos e professores”, estes são conjuntos de fatores que agregam as habilidades sociais que “refere-se à existência de diferentes classes de comportamentos sociais no repertório do indivíduo para lidar de maneira adequada com as demandas das situações interpessoais.” (PRETTE; PRETTE, 2001, p. 31).

Portanto, a não frequência do espaço físico da escola, pode ter tido impactos significativos quando se trata da psicoafetividade, já que as crianças não tiveram trocas afetivas suficientes entre os seus pares que pudessem estimular o desenvolvimento destas habilidades sociais. Segundo Melo et. al. (2020, *apud* ALMEIDA; JÚNIOR, 2021, p. 2) é na escola que a criança tem a oportunidade de aumentar a rede de contatos fora do ambiente familiar e favorecendo o desenvolvimento cognitivo e psicomotor, considerando que é neste ambiente que a criança passa a maior parte do tempo do seu dia, que devido ao isolamento social foi alterado, desencadeando possíveis impactos a saúde mental, conseqüentemente as crianças estiveram em risco de apresentar sintomas depressivos, ansiedade, dificuldades em exercer as habilidades sociais, atrasos motores e na linguagem.

Conforme dito no capítulo anterior, “Relação Psicoafetiva das Crianças”, a psicoafetividade inicia-se no contexto familiar, nas trocas de afeto e nas validações emocionais de acordo com o desenvolvimento infantil, e por este motivo que a relação entre adulto e criança, considerando os cuidadores responsáveis pelo bem-estar da mesma, se faz necessário um relacionamento saudável, para que amplifique o entendimento da criança sobre segurança e proteção. No entanto, Marin et.al. (2020, p. 12-13) citam que:

De acordo com dados da Organização das Nações Unidas (ONU) a interrupção da rotina na escola também aumenta a exposição das crianças com demandas específicas de saúde ao risco de negligência e maus-tratos (não alimentar, não apoiar as medidas de higiene, etc.), bem como abuso e violência dentro de casa. Este grupo tem 1,5 vezes mais chance de ser vítima de abuso sexual e 4 a 10 vezes maior probabilidade de ter vivenciado maus-tratos quando criança.

Para o desenvolvimento saudável é preciso que os fatores protetivos na infância sejam maiores do que a quantidade de fatores de riscos, quando se pensa no conjunto de fenômenos durante a pandemia, percebe-se que estes estão intrínsecos a como a criança irá se desenvolver, ou seja, quanto maior a exposição aos riscos físicos e emocionais, maior a possibilidade de desencadear atrasos no desenvolvimento e propiciar dificuldades cognitivas, mentais, afetivas e sociais.

Sendo assim, os fatores protetivos a infância, sobretudo durante a pandemia, está ligada a qualidade da convivência intrafamiliar, aos estímulos realizados, a criação ou adaptação da rotina, a estabilidade financeira e alimentar.

A convivência intrafamiliar se fez mais presente, no que se refere ao período de tempo diário, uma vez que as atividades sociais não estavam sendo praticadas. Nesse tempo, entende-se que ter uma boa convivência, que incluem diálogos sinceros e acolhedores sobre o momento histórico vivido, diminui as chances do desenvolvimento da ansiedade em crianças, pois cria-se, dessa forma, um ambiente de confiança, segurança e de validação emocional. A UNICEF ([s.d]) orienta 08 dicas para que haja o acolhimento e proteção das crianças, são elas:

1. Faça perguntas abertamente e ouça a criança;
2. Seja honesto(a): explique a verdade de uma forma que a criança entenda;
3. Mostre à criança como proteger ela mesma e seus amigos;
4. Ofereça segurança;
5. Verifique se elas estão sendo estigmatizadas ou espalhando estigmas;
6. Procure quem pode ajudar;
7. Cuide de você;
8. Encerre as conversas com cuidado;

Manter rotinas e estímulos também auxiliam na organização mental, preservação do desenvolvimento saudável e aprendizado de habilidades sociais, ou seja, manter as rotinas de socialização extrafamiliar por meio dos aplicativos de comunicação; incentivar as brincadeiras, principalmente com a participação dos cuidadores da criança; realizar atividades pedagógicas, puderam ajudar a minimizar os impactos do isolamento social.

Além disso, a rede de apoio social que esteve presente, mesmo que sem o contato físico, auxiliou as famílias a passarem por esse momento de dificuldade de forma mais atenuada possível. Werner (1998 *apud* MAIA; WILLIAMS, 2005, p. 98) diz que “o vínculo afetivo com um cuidador alternativo, tal como os avós ou irmãos. Tal pessoa pode se tornar

um suporte importante nos momentos de estresse promovendo, também, a competência, a autonomia e a confiança da criança”.

Todos estes fatores são protetivos, pois aumentam a probabilidade de um ser no futuro mais resiliente, adaptativo e com menores chances de desenvolver problemas com a psicoafetividade e a socialização.

Com base no que foi citado acima sobre o desenvolvimento humano, a criação de novos repertórios, as relações psicoafetivas do público infantil, que descrevem o comportamento do ser humano, traz evidência científica para construir argumentos que vem em contrapartida ao isolamento social, tema que devido ao seu recente acontecimento ainda está sendo explorado e como consequência pode ter afetado o desenvolvimento psicoafetivo das crianças, pois é o oposto do que o ser humano precisa para se desenvolver. Isolar-se do convívio social para todos os seres humanos é desafiador, considerando que enquanto adulto tem maiores chances de lidar melhor com os momentos estressores, já que a sua bagagem de vida propiciou repertórios comportamentais e emocionais que auxiliaram no enfrentamento da adversidade. Em contrapartida o público infantil na fase do desenvolvimento, buscando através do outro a sua identidade, em suas vivências, esteve pouco preparado para lidar com acontecimentos adversos que o afastou do convívio social.

CONCLUSÃO

Nesse sentido entende-se que a pesquisa, foi motivada a compreender os possíveis impactos do isolamento social para o desenvolvimento infantil, em especial na primeira infância, sabendo que esta fase é de grande importância para a criação de repertórios que possam ser fatores de proteção para a vida adulta, considerando que a infância é um período transitório, em que a criança está passando por frequentes mudanças na interação com o meio. Dessa forma, pode-se identificar que prezar a infância saudável tem grande importância, pois ela é a base norteadora para a criança no futuro em sociedade.

Os estudos foram focados na área infantil devido a vulnerabilidade dessa fase, buscando levantar hipóteses sobre como o desenvolvimento psicoafetivo das crianças pode ter sido afetado devido ao isolamento social. Embora as crianças não tenham sido consideradas um grupo de risco vulnerável à contaminação pelo vírus da covid-19 e sintomas graves ao mesmo, a quantidade de fatores de risco que as crianças foram expostas durante o período pandêmico, pode ser suposto, que houve uma maior probabilidade de ter ocorrido

comprometimentos no desenvolvimento psicoafetivo na infância, que fazem parte da preocupação sobre o desenvolvimento infantil, no que se refere aos profissionais da saúde.

Os fatores de risco, como já mencionado no texto, são todos aqueles que favorecem complicações futuras ao desenvolvimento, ou seja, diante do cenário pandêmico, se fez necessário a reclusão social para garantir que a saúde física estivesse em sua integridade, mas como consequência, podem ter ocorrido prejuízos à saúde mental e atrasos no desenvolvimento infantil, uma vez que os seres humanos são seres sociáveis por natureza, e sua aprendizagem se dá através da vivência com o outro. Portanto, nesse contexto, exigir que os repertórios pessoais e de habilidades sociais sejam aprendidos em sua potencialidade, não se faz justo, uma vez que a privação do viver em comunidade restringiu significativamente o processo de interpretação dos papéis sociais inclusos nas regras culturais.

As crianças, apesar da possibilidade e do esforço de seus cuidadores para manter os estímulos, podem ter apresentado uma série de dificuldades em superar o momento adverso, já que foi um movimento contrário ao que diz respeito da construção do saber sobre o desenvolvimento saudável de uma criança.

A pandemia da covid-19 foi um acontecimento histórico recente que por este motivo, estudos ainda estão sendo realizados a fim de compreender os seus reais impactos, portanto a hipótese aqui levantada foi baseada principalmente nos estudos apresentados por autores citados neste artigo sobre a importância do convívio social para o desenvolvimento saudável dos marcos da infância. E é por este motivo, que falar sobre o comportamento humano já observado, já vivido, pode tornar possível prever quais alterações no ambiente podem causar impactos significativos no desenvolvimento infantil, como por exemplo, neste caso, o isolamento social. Portanto esse artigo veio de encontro a necessidade em estudar e estimular pesquisas sobre os novos comportamentos adquiridos durante a pandemia, uma vez que houve uma adaptação mundial na forma de se conviver em sociedade, o que pode acarretar alterações comportamentais futuras.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Isadora M. G.; JÚNIOR, Auvani A. D. S. **Os impactos biopsicossociais sofridos pela população infantil durante a pandemia do COVID-19**. v. 10, n. 2. Pernambuco: 2021, 2 p. Disponível em: <https://rsdjournal.org/index.php/rsd/article/view/12286/11580>. Acesso em: 08 maio 2023.
- GIFFONI, Francinete A. D. O. O Desenvolvimento Psicoafetivo: A Relação Mãe-Filho e o Contexto Social. v. 2, n. 38: **Educação em Debate**. Fortaleza: 1999, p. 126. 129-130 p. Disponível em: https://repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/14419/1/1999_art_faogiffoni.pdf. Acesso em: 19 abr. 2023.
- MAIA, Joviane M. D.; WILLIAMS, Lucia C. D. A. Fatores de risco e fatores de proteção ao desenvolvimento infantil: uma revisão da área. v. 13: **Temas em Psicologia**. São Carlos: 2005, 93-94 p. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/tp/v13n2/v13n2a02.pdf>. Acesso em: 04 abr. 2023.
- MARIN Angela H. *et.al.* **Saúde Mental e Atenção Psicossocial na Pandemia COVID-19**: crianças na pandemia COVID-19. Rio de Janeiro: Fiocruz/CEPEDES, 2020. 12-13 p. Disponível em: <https://www.arca.fiocruz.br/handle/icict/41713>. Acesso em: 19 jan. 2023.
- OLIVEIRA, Marta K. D. **Vygotsky aprendizado e desenvolvimento**: um processo sócio-histórico. Scipione, 1993. p. 46. 56. 66-67 p. Disponível em: <http://maratavarespsictics.pbworks.com/w/file/attach/74218955/51814759-Vygotsky-Aprendizado-e-Desenvolvimento-um-processo-socio-historico.pdf>. Acesso em: 05 mai. 2023.
- PRETTE, Almir D.; PRETTE, Zilda A. P. D. **Psicologia das Relações Interpessoais**: Vivências para o trabalho em grupo. Petrópolis: Editora Vozes, 2001. 31 p. Acesso em: 12 jun. 2023.
- QUEIROZ, Norma L. N. D.; MACIEL, Diva A.; BRANCO, Angela U. **Brincadeira e desenvolvimento infantil**: um olhar sociocultural construtivista. Brasília: Paidéia, 2006. p. 170. 172-173 p. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/paideia/a/yWnWXkHcwFjcngKVp6rLnwQ/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 15 maio 2023.
- SCHUELER, Paulo. **O que é uma pandemia**. Instituto de Tecnologia e Imunobiológicos Bio-Manguinhos. Rio de Janeiro: FIOCRUZ, 2021. Disponível em: <https://www.bio.fiocruz.br/index.php/br/noticias/1763-o-que-e-uma-pandemia#>. Acesso em: 17 abr. 2023.
- UNICEF. **Como falar com suas crianças sobre o novo coronavírus (covid-19)**: Oito dicas para ajudar a confortar e proteger as crianças. Disponível em: <https://www.unicef.org/brazil/como-falar-com-criancas-sobre-coronavirus#:~:text=Fa%20perguntas%20abertamente%20e%20ou%20a%20crian%20e%20verifique%20se%20você%20está%20em%20esquive%20das%20preocupações%20da%20criança>. Acesso em: 22 mar. 2023.

ZANELLA, Andréa V. Periódicos Eletrônicos em Psicologia. **Zona de desenvolvimento proximal**: análise teórica de um conceito em algumas situações variadas. v. 2: Temas em Psicologia. Florianópolis: 1994. 97-110 p. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/tp/v2n2/v2n2a11.pdf>. Acesso em: 03 out. 2022.